

Apesar de o livro encerrar com o seu capítulo menos conseguido, sobrevalorizando o nacionalismo que Gilberto Freyre criou e o seu pioneirismo científico, os autores conseguem reinventar estudos freyrianos, acrescentando dados indispensáveis a futuras análises. A recensão concisa do trajecto de Freyre culmina numa proposta de regresso à sua obra, agora sob o signo da subalternidade contra-hegemónica dos trópicos. Não deixa, contudo, de ser irónico que, após a sua celebração popular, o autor avesso e incompreendido pelas academias oficiais regresse precisamente por essa via. Mas não será a institucionalização académica de Gilberto Freyre a condecoração que faltava ao homem que tropicalizou o Brasil?

Marcos Cardão
CEHCP/ISCTE

Sylvie Fainzang, **La relation médecins-malades: information et mensonge**, Paris, Presses Universitaires de France, 2006, 168 páginas.

Sylvie Fainzang habituou-nos à sua escrita, simultaneamente clara, precisa e elegante. Nesta obra desvenda as razões que levam médicos e pacientes a esconderem certas informações uns aos outros, a seleccionar e a revelar informações. Da omissão à mentira, passando pelo eufemismo, a antropóloga francesa captou o que dizem os profissionais de saúde aos seus pacientes e vice-versa, ao longo de um trabalho de campo de quatro anos. A maioria das suas observações efectuou-se em consultas de oncologia e nos serviços de medicina interna, onde analisou os discursos dos médicos em função do estado de evolução da doença dos seus pacientes.

Neste caso, as estratégias que os mesmos utilizam para contornar a verdade são essencialmente a minimização do problema de saúde do paciente, o recurso ao médico de família ou ainda a familiares do paciente para o anúncio do diagnóstico e a simples omissão da informação clínica, sob o pretexto de que quem não pergunta não quer saber.

Segundo as origens sociais e culturais, a idade e o sexo do paciente, os médicos mentem mais ou menos, explicam de forma mais ou menos simples ou mais ou menos concisa. A informação é mais facilmente cedida aos pacientes que os médicos julgam de nível sociocultural mais elevado, tanto por suporem que estes compreendem melhor a linguagem médica como por imaginarem que são mais aptos a suportar psicologicamente uma má notícia, quando se trata de um diagnóstico ou de um prognóstico

inquietante. Os médicos dão, portanto, mais informação a quem possui mais conhecimentos e meios para aceder à informação.

A verdade é muitas vezes elidida pelo médico, que considera que esta não é benéfica para o doente, pois provoca-lhe sofrimento ou impede o paciente de aderir à terapêutica. A omissão de informações pode também ser motivada pelo pressuposto de que o paciente não entende a linguagem médica. Outros fornecem informações apenas quando estas são solicitadas e consideram a ausência de perguntas uma negação da doença por parte do paciente. Este, frequentemente, cala as perguntas para não roubar um tempo precioso ao médico.

Certos médicos mentem sobre a doença ou os efeitos dos tratamentos porque julgam desta forma proteger o paciente. Outros utilizam a mentira como instrumento de poder para evitar contestações por parte do doente e tê-lo em obediência e na sua dependência. Também há aqueles que não desejam que os pacientes obtenham informações sobre a doença por outras vias, tal como a internet. Além da preocupação com a qualidade da informação que adquirem, há também o medo de verem o seu poder escapar-lhes...

Sylvie Faizang investigou com a mesma sagacidade a vertente da mentira dos pacientes, dando conta das suas circunstâncias e motivações. Anunciar um novo sintoma significa para alguns pacientes correr o risco de ter más notícias quanto ao seu estado de saúde, enquanto calar o sintoma poderia retirar-lhe a sua efectividade...

Além das mentiras, descobrimos, com este trabalho antropológico penetrante, as incompreensões e os mal-entendidos da relação médico-paciente, assim como os preconceitos sobre médicos e pacientes que interferem nesta relação.

A questão da informação dos pacientes sobre as suas doenças e sobre os cuidados que recebem é um dos aspectos centrais que actualmente atravessam os debates sobre os cuidados de saúde, o anúncio do diagnóstico, os tratamentos e os seus efeitos, os seus riscos e os seus benefícios. Perante esta problemática bastante actual, impunha-se efectuar uma investigação que tratasse dos lugares desta informação e das práticas reais dos médicos neste campo, considerando os seus mecanismos, as suas condições, as suas implicações e os seus limites.

A própria antropóloga não escapou à mentira... A fim de evitar que os sujeitos modificassem os seus comportamentos devido à sua presença, afirmou a uns que o seu interesse recaía sobre os pacientes e aos outros que se debruçava sobre as atitudes dos profissionais de saúde...

Verdade seja dita, é um prazer ler este contributo para a antropologia da saúde e da doença.

Marta Maia

Investigadora auxiliar do CRIA (Centro em Rede de Investigação em Antropologia) — ISCTE